

O livro didático e a realidade rural: apontamentos de uma pesquisa*

Maria das Graças Porto Pires & Lúcia Gracia Ferreira*****

Resumo: Este trabalho discute resultados de uma pesquisa realizada no ano de 2008 com a comunidade escolar rural, sendo professores, alunos e pais de alunos, no município de Itapetinga-BA. Nessa pesquisa, de caráter qualitativo, utilizamos como instrumento de coleta o questionário e buscamos, através dele, responder o seguinte questionamento: O livro didático adotado na sua escola traz assuntos relacionados à realidade de onde você vive ou leciona?

Palavras-chave: Livro didático; zona rural; aprendizagem.

* Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada no Congresso Nacional Diversidade, Ética e Direitos Humanos realizado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/Campus de Itapetinga-BA, em julho de 2010.



** **MARIA DAS GRAÇAS PORTO PIRES** é Especialista em Linguagem, Pesquisa e Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.



*** **LÚCIA GRACIA FERREIRA** é Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de São Carlos.

Palavras iniciais

Este estudo buscou indagar professores, alunos e pais de alunos das escolas rurais do município de Itapetinga-BA sobre a forma como o livro didático aborda assuntos relacionados à realidade rural. Sabemos que o livro didático deve estar relacionado à realidade da escola e adaptado para promover a inclusão social. Nesse aspecto, torna-se necessário promover a conjugação dos esforços da União, Estados e Municípios, atuando em regime de colaboração para construir a escola que queremos. Assim, nesse artigo buscamos refletir sobre a seguinte questão: O livro didático adotado na sua escola traz assuntos relacionados à realidade de onde você vive ou leciona? Este estudo objetiva discutir essa questão.

Esse trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa qualitativa e buscou conhecer a opinião de professores, pais e alunos sobre os livros didáticos que são utilizados nas escolas da zona rural do município de Itapetinga. A coleta de dados foi feita a partir de um questionário. Foram feitas perguntas para quatro professores, seis pais de alunos e 10 alunos do meio rural.

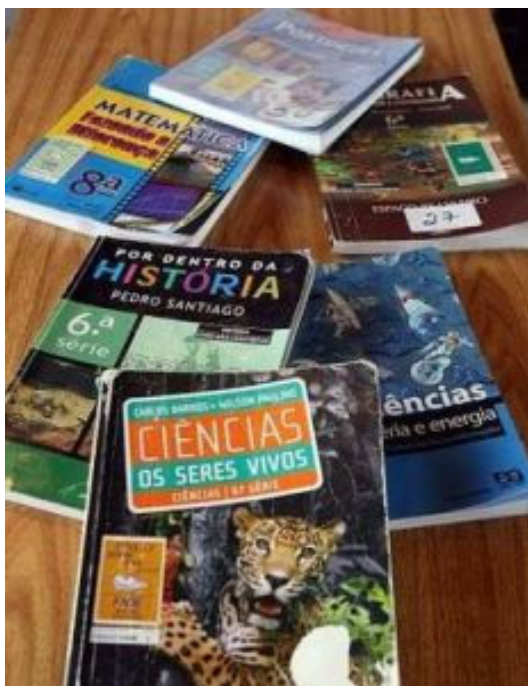
O livro didático: formador de ideologias?

Segundo D'Ávila (2008), do século XIX até os primórdios do século XX os livros didáticos utilizados no Brasil provinham

de Portugal. Desde então, o professor tem si tornado dependente desse manual didático, mais precisamente, a partir dos anos de 1970, período em que é constatada a decadência do ensino público no país. A mesma autora também nos alerta que o manual didático, como ela assim chama o livro didático não é tudo numa sala de aula, é apenas um instrumento de apoio ao professor, e este deve se conscientizar disso.

A distribuição do material didático, como se tal estratégia política fosse resolver a crise do ensino público brasileiro, não resolve por si só os nossos problemas educacionais. Em verdade, além de um bom material de apoio (incluía-se aí o livro didático de boa qualidade), o professorado teria que contar com uma política de valorização que a profissão merece e todo o apoio possível pela melhoria da qualidade do ensino. Isso não significa estar de acordo com a velha máxima do conformismo [...]. Não significa depositar, no manual didático, toda a responsabilidade pelo encaminhamento das ações pedagógicas. É preciso autoria nesse processo, tomando-se esse recurso de ensino não como guia, mas como um instrumento de apoio ao professor. Mais um, dentre vários (D'ÁVILA, 2008, p.96).

A partir da perspectiva da autora, o manual didático vem ocupando lugar de destaque no processo pedagógico,



“transformando o professor, muitas vezes, em mero espectador ou reproduzidor das suas instruções e, também moldando as condições epistêmicas, pedagógicas e metodológicas do currículo escolar, uniformizando, assim, a prática educativa” (D’ÁVILA 2008, p.96). Outra autora, Freitas (2008, p.27), concorda com isso quando relata que “o reduzido tempo do professor, que se vê obrigado a trabalhar em duas ou três escolas para sobreviver, muitas vezes com conteúdos diferentes. O livro didático acaba sendo funcional para a maioria destes profissionais, que não têm tempo suficiente para suas turmas”.

Silva (1998) afirma que o conhecimento chega às escolas, na maioria das vezes, através do material impresso, sendo o livro didático ou similar o instrumento mais utilizado em sala de aula. Em verdade, seria difícil conceber uma escola onde o ato de ler não estivesse presente, isso é fato.

Agora, gostaríamos de refletir se os textos contidos nos livros didáticos funcionam como formador de ideologias. Os interesses sociais inculcados nos textos do livro didático são ignorados pela maioria dos alunos e professores (SILVA, 1998, p.13). Segundo Orlandi (1996, p.186) a leitura de texto na sala “é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo de interação verbal”. Ainda, para Fiorin (2006, p.34), “as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas”.

A partir do que foi apontado, percebemos que, muitas vezes, os textos veiculados pelo livro didático são direcionados para questões de estruturação textual (e ainda gramática e ortografia), não produzindo

informações novas, ou seja, fugindo de inferências. A partir de muitos destes, o trabalho do aluno é apenas o de copiar as informações, reproduzindo-as, o único esforço será de localizar o parágrafo no qual estão as respostas solicitadas. Ocorre assim, uma leitura simplesmente decodificada. A leitura crítica está ausente, na maioria, das atividades propostas pelo livro didático. O aluno, por sua vez, não pratica a habilidade necessária para desenvolver a interação com a realidade através dos textos. O livro didático acaba por promover uma alienação que o desliga da realidade vivida no dia-a-dia. A partir disso, muitas leituras realizadas através do livro didático dissolvem-se entre as obrigações da escola e os deveres dos alunos, e acaba por favorecer uma educação de classes, comprovando a não eficácia do livro didático na formação crítica do leitor. Matos (2008, p. 28) nos relata que “sob o aspecto de ensino de gramática, o livro didático costuma trazer noções e classificações gramaticais, sem, contudo, estabelecer-se um veículo direto com as habilidades de leitura e produção de textos”, o que já apontamos nesse trabalho. Consequentemente, a leitura se transforma numa ferramenta reprodutora do que existe, deixando de ser um instrumento da liberdade ideológica e formadora de uma sociedade democrática.

O livro didático é formador de ideologias, mais precisamente, veicula culturas e ideologias dominantes. Cabe, então, ao professor aceitar ou não realizar o seu trabalho pedagógico a partir deles da forma como vem sendo disseminado. D’Ávila (2008), relata estudos feitos por estudos sobre o livro didático e traz uma contribuição de como o professor pode agir frente ao mesmo.

Segundo a autora, o manual difunde preconceitos dos mais diversos estereótipos machistas, racistas, dentre vários que reconhece no seu processo de análise. Acredita, a autora, que não basta mudar o manual escolar, torna-se necessário que os professores mudem: “precisamos também de um novo professor que possa dar um novo uso ao livro didático. Um professor que perceba o contraste entre o conteúdo do livro e a vivência da criança” (FARIA, 1986, p.82). Conclui, acreditando que o professor deve aproximar as informações à vivência dos educandos, permitindo que estes reelaborem as novas informações em relação aos interesses de sua classe” (D’ÁVILA, 2008, p.108).

Os professores precisam ser mais críticos em relação ao livro didático. Precisam desenvolver uma atenção aguçada sobre o mesmo, seus conteúdos, suas informações e sua ideologia. Os livros didáticos visam perpetuar uma visão, pois “costumam refletir crenças e convicções de um sistema educacional vigente. Se as convicções forem mudadas, com certeza, os manuais ou livros didáticos também mudarão” (MATOS, 2008, p.29). Nessa perspectiva, torna-se necessário que esses livros sejam melhor examinados e que estes professores absorvam deles apenas o que pode contribuir para o aprendizado do aluno.

Sobre o livro didático na escola rural

Na perspectiva do que já foi exposto, apresentamos aqui os dados da pesquisa, ou seja, da comunidade escolar rural. O conhecimento que temos sobre a realidade da zona rural nos permite dizer que o material escolar (didático) utilizados na zona rural deve ser condizente com esse contexto.

Todos os professores responderam que os livros didáticos têm aspectos positivos, pois facilita o trabalho do professor e contribuem para melhoria da aprendizagem dos assuntos gramaticais, mas que estão fora da realidade do aluno rural. As respostas fornecidas foram as seguintes.

“Os livros didáticos devem estar adaptados à realidade dos alunos. Mas isto não acontece, pois os livros só contemplam a realidade urbana.”

“Não estou satisfeita, deveriam melhorar o conteúdo a trabalhar, apresentar os assuntos como meio de convívio do aluno. Hoje os livros didáticos fogem do cotidiano do aluno [...].”

“A princípio não, pois o mesmo foge à realidade dos alunos. Acredito que deveria passar por uma grande reformulação, principalmente no que tange à linguagem oral, onde a definição é totalmente distorcida.”

“Sou professora de ensino fundamental e do meio rural há muito tempo, acho os livros didáticos importantes sim, mas ultimamente os textos narrativos contidos são desinteressantes, não dá prazer em ler, o fato de abordar assuntos fora da realidade do aluno não significa que não possa trabalhar, para isso trabalha-se a contextualização. Uma sugestão seria a produção de livros a nível regional, baseando-se em pesquisa feitas aos professores.”

Todos os alunos tiveram um posicionamento crítico a respeito do livro didático, apontando as suas reais necessidades. Quando foram indagados se os livros abordavam mais assuntos relacionados ao meio rural ou urbano, as respostas fornecidas pelos alunos foram as seguintes.

“Não posso dizer que estou insatisfeita com todos os meus livros didáticos, mas alguns deles têm uma linguagem muito complicada, mesmo meus professores têm de recorrer ao dicionário ou a outros livros. Por vezes, tem nomes e temas sem a explicação, fazendo a matéria mais complicada do que é.”

“Talvez os livros deveriam ser preparados de uma maneira mais simples e interessante para que o aluno pudesse compreender mais facilmente, manter o interesse e aprender com maior facilidade.”

“Os livros didáticos são bons, mas fala coisas mais da cidade do que daqui onde eu moro, sei que preciso conhecer a cidade, só que as coisas daqui também são boa.”

“Às vezes não entendo nada, mas com a explicação da professora eu entendo, não gosto de copiar do livro ele tem umas coisas esquisitas. Era bom se ele falasse das coisas que eu já sei como o rio, a canoa, os passarinho e as contas fosse igual quando eu conto as vacas com meu pai.”

Os pais dos alunos, em sua maioria, não conhecem o livro didático, pois não acompanham seus filhos e os livros, muitas vezes, não é levado para casa. Isso faz com que os pais fiquem fora desta construção. Também todos relataram que é bom ter o livro, para ajudar nas tarefas. Algumas respostas dadas:

“Gostaria imensamente que tivesse, nessa página, exercícios de Português para as crianças fazerem em casa. Minha filha tem nove anos e faz o 4º ano do ensino fundamental.”

“Sou dona de casa e não compreendo muito essas coisas que tem no livro.”

“Olha, acredito que os livros didáticos estão como deveriam estar.”

“O livro ajuda o aluno e a professora, é bom que o governo deu, fico feliz e sei que meu filho está aprendendo.”

“Acho que o livro deveria ter mais exercícios e menos leitura, isso faz o aluno aprender mais.”

“Já dei uma olhada no livro da minha filha, não entendi nada, as contas são complicadas e ela não entende, fica me perguntando, mas eu também não sei, se fosse mais fácil eu saberia.”

O livro didático tem deixado muito a desejar sim, principalmente na questão ideológica, pois eles apresentam uma realidade pertencente somente às classes dominantes. Eles priorizam valores e culturas distantes da realidade da maioria de nossos alunos. Precisamos formular estratégias de trabalho para usarmos os livros (que, infelizmente são obrigatórios, em algumas escolas) de uma maneira crítica, a fim de proporcionarmos aos nossos alunos um ensino com reflexão. Os apontamentos abaixo nos permitem refletir sobre isso:

O livro didático, em certo sentido. Tolhe a criatividade do professor, impedindo-o de trabalhar o conteúdo de acordo com a realidade do aluno, com o perfil desse aluno. O professor que usa o livro didático como único instrumento pedagógico, não utilizando outras metodologias de ensino, não aproveita a vivência do aluno, sua realidade, não desenvolve a criatividade, projetos de ensino mais proveitosos para o aluno, que pretendam valorizar a diversidade, a pluralidade e a diferença de experiências sócio-culturais. [...].

Sem o livro didático. O trabalho e a criatividade do professor são mais

exigidos. Isto é indiscutível. Mas a experiência pode ser enriquecedora para ele e seus alunos. O professor poderá trabalhar o conteúdo programático através de outros meios: textos jornalísticos, literários, de música, cartuns, poderá, numa relação interdisciplinar com outros professores, aproveitar o conteúdo destes de outras formas e outros ângulos na sua disciplina. Mas o mais relevante é que ele, assim, terá condições de trabalhar a partir da realidade do seu aluno, ao invés de perpetuar a violência implícita dos livros didáticos, na sua imensa maioria, voltados para o aluno-padrão. Estes livros não consideram a cultura periférica, ou seja, a cultura popular, a que não é da elite. Os valores, a ideologia da classe dominante são impostos neles veladamente (FREITAS, 2008, p.26-27).

Buscamos refletir aqui, mostrando que a escolha do livro didático deveria ser de forma mais simplificada, pois quando escolhemos livros para contemplar todo o município, jamais conseguiremos alcançar pequenos aspectos de diferentes realidades, como o meio rural.

Podemos perceber nas respostas fornecidas a visão da comunidade escolar que não está satisfeita com os livros didáticos escolhidos para o meio rural. Assim, compreendemos que a escolha do livro deveria ser contemplada por escola e não por município. Isso faria com que a escolha fosse mais democrática e eficiente para o aprendizado dos alunos, principalmente nas turmas do meio rural. Um estudo que foi realizado por Gandra (2008, p.13) aponta a incoerência do livro didático com a realidade dos alunos que iriam utilizá-los. A autora fala-nos que “a aprendizagem é mediada pelo mundo e

pela cultura. Entende-se então, que o livro didático deve ser um prolongamento do universo cultural da criança, para que ela apreenda naturalmente novos conceitos, novas representações”. O manual didático deve, acima de tudo, está em consonância com a realidade dos alunos que moram no meio rural, pois sabemos que livros didáticos enviados para a zona rural para serem utilizados pelos alunos têm pouco ou nada a ver com o contexto onde vivem e são os mesmos utilizados na zona urbana.

É preciso que revejam o que se estão ensinando nas salas de aula do meio rural através do livro didático (sem ele também), pois dizer que “Marcos foi ao McDonald’s e gastou R\$45,00 em lanches, só que ele tinha somente R\$30,00, será que sobrou dinheiro ou faltou [...]” é incoerente. Isso, para muitas escolas, é o normal em seu cotidiano, mas para outras isso é irreal, pois muitos alunos nunca sequer passaram perto de uma lanchonete na cidade, quanto mais comprar lanche no McDonald’s. Os professores devem ter consciência e conhecer a realidade onde desenvolve o seu trabalho docente, para, a partir daí planejar as suas aulas, escolhendo bem os conteúdos e a forma como estes serão transmitidos, tendo como objetivos atingir as necessidades da sua clientela, de forma que não os excluam. Desta forma, a realidade do aluno deve ser enfatizada no processo ensino-aprendizagem e a ação didático-pedagógica do professor deve ser voltada para a transmissão dos conteúdos a partir dessa realidade. Concordamos com Teodoro (2008, p.37) que “os livros didáticos não têm cumprido o desejado papel no atual processo de ensino-aprendizagem. As aulas se tornam interessantes quando enriquecidas pelos

professores com textos retirados de outras fontes”.

Considerações finais

Há que se melhorar alguns aspectos no livro didático? Obviamente que sim. Mas o que o torna ineficaz são suas conjunturas ideológicas acrescidas do partidarismo que alguns educadores têm tomado a partir dele. Deve se tomar o livro didático como um instrumento pedagógico (não o único) para as aulas e não como manuais ou receituários para uma boa educação escolar. A falácia educacional se instalou nesse lugar de manual para o “profissional” que, não sendo capaz de dar uma aula, cumpre apenas o “manual”, acreditando que está, dessa forma, trabalhando a favor da educação.

Cremos que devemos aqui estabelecer metas e planos, especificar o que queremos educar. Não acreditamos que o livro didático seja falho por não aclamar uma ideologia do meio rural, há muitas coisas por traz disso. Temos que considerar que estamos em um mundo onde há sempre uma cultural dominante que controla (nesse caso, a do meio urbano) e os outros (do meio rural), de outras culturas, só serão considerados “sujeitos” se eles se assujeitarem a esse controle (dominação). Infelizmente, trabalhamos para a ideologia de mercado, projeto da modernidade, e isso tem deixado de fora o trabalho e a educação rural, esquecidos em meio às políticas públicas que pouco fazem em favor dos que precisam desse trabalho e dessa

educação. Nesse contexto, o livro didático é apenas um material de apoio na sala de aula e nunca deve ser usado como manual que deve ser seguido. É preciso estabelecer, nos livros didáticos, uma política de valorização a diversidade, buscando, entre outras coisas, promover a inclusão social.

Referências

D’ÁVILA, Cristina. **Decifra-me ou te devorarei**: o que pode o professor frente ao livro didático? Salvador: EDUNEB; EDUFBA, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

FREITAS, Rosânea Aparecida de. Livro didático: monotonia ou necessidade? IN: DELL’LSOLA, Regina Lúcia Péret. **O livro didático de Língua Portuguesa**. 2 Ed. Belo Horizonte FALE/UFMG, 2008.

GANDRA, Ivana Magalhães. O livro didático: adequado ou não? IN: DELL’LSOLA, Regina Lúcia Péret. **O livro didático de Língua Portuguesa**. 2 Ed. Belo Horizonte FALE/UFMG, 2008.

MATOS, Cláudia Marins de. A inadequação do livro didático. . IN: DELL’LSOLA, Regina Lúcia Péret. **O livro didático de Língua Portuguesa**. 2 Ed. Belo Horizonte FALE/UFMG, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso & Leitura**. Campinas, SP: Cortez. UNICAMP, 1988.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura**: ensaios. Campinas: Mercado das letras, 1998.

TEODORO, Ana Cristina. A monotonia nos livros didáticos. IN: DELL’LSOLA, Regina Lúcia Péret. **O livro didático de Língua Portuguesa**. 2 Ed. Belo Horizonte FALE/UFMG, 2008.